

POR DENTRO DO JOGO

David Fleischer

O PFL e o golpe do baú — III

Com a entrada do animador televisivo Silvio Santos na corrida presidencial, na última hora, faltando agora menos que 15 dias para o primeiro turno, configura-se a possibilidade de, esgotados todos os prazos de recurso e defesa no TSE, que o registro da chapa Silvio Santos-Marcondes Gadelha somente seja julgado **após** o dia 15 de novembro próximo. Assim, um dos primeiros desdobramentos para a campanha eleitoral, passa a ser a reorientação de estratégias e cálculos dos candidatos e seus assessores em torno de um cobiçado **terceiro lugar** como resultado do primeiro turno.

Se estes cálculos incluem a real possibilidade de Silvio Santos chegar em primeiro ou segundo lugar no primeiro turno, e ainda a possibilidade de TSE indeferir finalmente seu pedido de registro como candidato do PMB — quem chegar em terceiro lugar seria deslocado para a segunda posição e logo estaria no segundo turno.

Neste longo período do enforcado feriado de Finados, os seis candidatos que ainda se consideravam no páreo presidencial, vão passar estes quatro dias em exaustivos exames de corpo presente para determinar se a sua campanha se encontra entre os mortos, mortos-vivos ou vivos, depois da entrada para valer da candidatura Silvio Santos.

Após uma arrancada (virada) forte nas últimas semanas, a candidatura de Lula já havia entrado num estado de “pré-vivo-morto” em razão dos casos Lubeca e Nova República. Agora, resta saber se, com todas as atenções viradas para Silvio Santos, estes deslizos do PT em São Paulo serão esquecidos pelos eleitores inclinados a votar em Lula.

Dos seis candidatos que ainda se consideravam no páreo presidencial, quatro são paulistas (Lula, Afif, Maluf e Covas). Por contar excessivamente com votos de São Paulo, Lula, Afif e Maluf podem ser baqueados com a penetração de Silvio Santos neste maior colégio eleitoral. Covas, por outro lado, que não depende muito de São Paulo, sofreria menos.

No caso dos outros dois candidatos não-paulistas (Collor e Brizola), o “efeito São Paulo” é

bem diferenciado. Collor de Mello, que já vinha concentrando a sua campanha no interior de São Paulo, nos últimos dias, poderia perder muitos votos neste imenso “interiorão” que elegeu Orestes Quêrcia em 1986. Brizola, porém, sempre esteve muito mal em São Paulo, por não conseguir o apoio de algum líder sindical da CGT. Assim, para o candidato do PDT, a penetração de Silvio Santos em São Paulo não traz novidades.

Mas, e no resto do Brasil, fora de São Paulo, onde o programa Silvio Santos penetra há mais de 20 anos, inicialmente pela Rede Globo, e depois que o SBT foi premiado com o espólio da Rede Tupi (cassada pelo governo militar em 1980), como fica? O empresário Silvio Santos entra na corrida presidencial com um fator muito importante a seu favor — fator este, que a campanha **collorida** lutou duramente (com uma mãozinha do Sr. Roberto Marinho, é claro) mais de dois anos para conseguir junto ao eleitorado — reconhecimento público positivo.

O que fazer? Os assessores da campanha **collorida** novamente estão divididos quanto à melhor estratégia a adotar, como também ficaram na última semana de setembro, após as primeiras quedas nos índices de Collor. Agora, alguns mais afoitos, vendo Silvio Santos entrar de cheio na horta **collorida**, querem atacar diretamente o nefasto empresário, e “desmascarar a trama palaciana”. Outros, (aparentemente o próprio candidato inclusive) pedem para pensar melhor primeiro — pode até ser contraproducente atacar Silvio Santos; cuidado com o fator simpatia. Na verdade, podem até ter razão estes “moderados **colloridos**”. Durante toda a campanha até hoje, Collor de Mello foi pintado de “mau, vilão” etc pelos outros candidatos. Se atacar diretamente Silvio Santos, que supostamente é tão querido pela população brasileira, este lance pode confirmar o que os outros candidatos andam dizendo sobre Collor. Por enquanto, parece prevalecer a estratégia de continuar atacando o presidente Sarney e seu governo, e tentar pendurá-los no pescoço de Silvio Santos — atacar por via indireta.

Enquanto isso, outros candidatos fazem as suas análises para o público, descrevendo as consequências da candidatura Silvio Santos sobre a campanha — como faz estragos no eleitorado dos outros candidatos, mas “na minha horta, não; meu eleitorado é fiel e seguro”. Paulo Maluf chegou a saudar a entrada de Silvio Santos como muito benéfica para o processo político.

Se concluir que o eleitorado mais “imune” à “candidatura sereia” de Silvio Santos são os eleitores mais conscientes nas classes A, B e C, a maioria dos quais já decidiram o seu voto, as pesquisas muito preliminares, realizadas às pressas nos últimos dias, indicam que dois candidatos seriam **menos** afetados pela entrada de Silvio Santos: Leonel Brizola e Mário Covas. Por outro lado, podem ser justamente estes dois candidatos **mais** beneficiados pelo fator indignação por parte do eleitorado, revoltado com as tentativas de manipular o processo político nesta reta final da campanha.

Pelo menos uma consequência de curto prazo é previsível. No próximo domingo, o candidato Collor de Mello estará nos estúdios da Rede Bandeirantes em São Paulo a fim de participar do debate com os outros candidatos. Por temer expor as suas idéias e tentar defendê-las num ambiente de fogo cruzado, ao vivo, via Embratel, Collor sempre fugiu da raia. Mas, agora até que pode ser uma boa hora de participar, pois Collor não é mais o “líder, sacó de pancadas de todos”. No Domingo, pode juntar-se aos outros candidatos para atacar Silvio Santos; ou participar de uma polarização direita-esquerda, e mais ou menos deixar Silvio Santos (que não pode ser rotulado a priori, nem um nem outro) “flutuando”.

Dependendo das estratégias dos demais candidatos, Silvio Santos tem muito a ganhar indo a este debate de domingo próximo. Pode se posicionar acima das “brigas de malcriados”, um empresário-estadista (na imagem de Reagan), e cair como uma luva na sequência de três domingos que seus fãs o assistirão como candidato.